

Ferreira Gullar – As peras

As peras, no prato,
apodrecem.

O relógio, sobre elas,
mede a sua morte?

Paremos o pêndulo.

Deteríamos, assim, a
morte das frutas?

Oh as peras cansaram-se
de suas formas e de sua doçura!

As peras, concluídas, gastam-se no
fulgor de estarem prontas
para nada.

O relógio não mede.

Trabalha no vazio: sua voz desliza
fora dos corpos.

Tudo é o cansaço de si.

As peras se consomem no seu doirado sossego.

As flores, no canteiro diário, ardem,
ardem, em vermelhos e azuis.

Tudo desliza e está só.

O dia comum, dia de todos, é a
distância entre as coisas.

Mas o dia do gato, o felino e sem palavras
dia do gato que passa entre os móveis é passar.

Não entre os móveis. Passar como eu passo: entre nada.

O dia das peras é o seu apodrecimento.

É tranquilo o dia das peras?

Elas não gritam, como o galo.

Gritar para quê? Se o canto é apenas um arco
efêmero fora do coração?

Era preciso que o canto não cessasse nunca.

Não pelo canto (canto que os homens ouvem)

Mas porque cantando o galo é sem morte.

Ferreira Gullar, A Luta Corporal